

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Rita de Cássia Cabral Chávári

**Leitura na Educação Infantil**

Americana  
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Rita de Cássia Cabral Chávári

**Leitura na Educação Infantil**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia  
– Programa Especial de Formação de  
Professores em Exercício nos Municípios da  
Região Metropolitana de Campinas, da  
Faculdade de Educação da Universidade  
Estadual de Campinas, como um dos pré-  
requisitos para conclusão da Licenciatura em  
Pedagogia.

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Chávvari, Rita de Cássia Cabral  
C398L      Leitura na educação infantil : memorial de formação / Rita de Cássia Cabral  
Chávvari. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual  
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de  
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.  
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-573-BFE

Ao meu marido Edmilson  
Meus filhos Rafael e Andiará.

### **Agradecimentos**

A Edmilson, meu marido, pela ajuda e compreensão em agüentar meu stress e por  
cuidar dos nossos filhos neste três anos, em minhas ausências;

Aos meus filhos Rafael e Andiará;

À minha mãe que ficou com meus filhos para eu ir à faculdade;

À minha amiga Auxiliadora companheira de percurso;

E a todos que de algum modo colaboraram neste percurso de formação.

**Ao Contrário, as Cem Existem.**

A criança  
é feita de cem.  
A criança tem cem mãos  
cem pensamentos  
cem modos de pensar  
de jogar e falar .  
cem sempre cem  
modos de escutar  
de maravilhar e de amar.  
Cem alegrias  
Para cantar e compreender.  
Cem mundos

para descobrir  
Cem mundos  
para inventar  
Cem mundos  
para sonhar.  
A criança tem  
cem linguagens  
(e depois cem cem cem)  
mas roubaram-lhe noventa e nove.  
A escola e a cultura  
lhe separaram a cabeça do corpo.  
Dizem – lhe:  
de pensar sem as mãos  
de fazer sem a cabeça  
de escutar e não falar  
de compreender sem alegrias  
de amar e maravilhar – se  
só na Páscoa e no Natal.  
Dizem – lhe:  
de descobrir um mundo que já existe  
e de cem roubaram – lhe noventa e nove.  
Dizem – lhe:  
que o jogo e o trabalho  
a realidade e a fantasia  
a ciência e a imaginação  
o céu e a terra  
a razão e o sonho  
são coisas  
que não estão juntas.  
Dizem – lhe enfim:  
que as cem não existem.  
A criança diz :  
ao contrário as cem existem

Loriz Malaguzzi

## Sumário

APRESENTAÇÃO.....	07
1. MEMÓRIAS DA MINHA VIDA.....	09
2. PERCURSO ESCOLAR.....	11

3. A FACULDADE DE PEDAGOGIA – PROESF.....	14
4. MINHA VIDA PROFISSIONAL COMO PROFESSORA.....	17
4.1. Educação Infantil – A Creche.....	17
5. LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	22
6. ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL.....	28
7. LITERATURA INFANTIL NO BRASIL.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
BIBLIOGRAFIA.....	35

## **Apresentação**

Quando vi no ano passado (2005) o desespero de algumas alunas a respeito de escrever um memorial, também me apavorei, pois dali a um ano seria eu que teria de entregar. Escrever um Memorial de certa forma era desafiador mas ao mesmo tempo temeroso, teria que falar sobre a minha vida, me expor com meus anseios, tropeços e sucessos. O temor de se expor e deixar transparecer o meu eu, as minhas verdades, relembrar coisas que muitas vezes me machucaram deixando marcas profundas. Mas ao

mesmo tempo seria uma reflexão do que somos, dos porquês de várias atitudes, seria uma experiência que poderia mudar minha vida.

Ao narrar uma história, identificamos o que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem ‘as nossas identidades e aspirações atuais. Assim podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido (Thomson, apud Guedes-Pinto, 2004, pg.02).

Conversando com uma amiga de trabalho sobre o Memorial, ela me disse que nós, alunas do Proesf éramos corajosas em relembrarmos o passado e como muitas vezes isso podia doer e ser difícil, mas seria uma reflexão de nossa vida para crescermos.

Agora vendo o meu Memorial pronto é como se tudo tivesse passado rápido demais, e foi muito bom escrever sobre minhas lembranças e meu passado.

“Procuro-me no passado e “outrem me vejo”; não encontro a que fui, encontro alguém que a que sou vai reconstruindo, com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora”. (Soares, apud Guedes-Pinto, 2004, pg 05).

Nesse memorial, pretendo, além de contar a minha história, a minha trajetória de vida, de formação, também abordarei um tema referente à prática docente que é a Leitura na Educação Infantil, crianças de creche com idade de 1 ano e 7 meses a 2 anos e 4 meses.

Não vou abordar o assunto de ensinar a ler, mas o prazer de “ler“ na educação infantil, pois mesmo as crianças de creche serem tão pequenas devem ter contato com a leitura e a escrita.

O gosto pela leitura se dá pelo contato com o mundo da escrita, das imagens e dos sons. Ela acontece mais eficazmente quanto maior for o convívio da criança com os livros, as histórias e o material de escrita em geral.

Esse convívio é um momento lúdico e educativo que proporcionará à criança conhecimentos, social, físico e lógico-matemático. Para que no futuro chegue a escola de ensino fundamental com o gosto pelos livros e pela escrita.

Destaco alguns pontos relevantes da contribuição das disciplinas em minha formação acadêmica. Primeiramente, compreendendo melhor as tendências

pedagógicas, em seguida identificando-as nas práticas docentes, e por último, contextualizando-as com minhas experiências como aluna, desde as séries iniciais.

## **1. Memórias de Minha Vida**

Nasci em Minas Gerais, na cidade de Carmo do Rio Claro. Meu pai era proprietário de uma fazenda na cidade de Conceição Aparecida que se chamava Cachoeira, pois lá tinha uma cachoeira. Não me lembro da fazenda, pois meu pai a vendeu quando eu tinha dois anos, e nos mudamos para Americana.

Minha mãe é a segunda esposa dele, a primeira morreu de uma doença chamada fogo-selvagem, somos ao todo 14 irmãos, sete do primeiro casamento e sete de minha mãe.

A casa que viemos morar em Americana tinha um quintal enorme onde podíamos brincar. Nesta época o que mais gostava de fazer era brincar em cima da cama de minha mãe e montar casinha com bonecas pequenas, fazia os móveis de guardanapos e os tapetes de toalhinha de crochê.

No livro *Os Fazeres da Educação Infantil* (2002) a organizadora Rossetti-Ferreira, relata que o “faz de conta” é uma forma de a criança explorar o que vivenciou, procurando compreender o que aconteceu ou como as coisas se dão, tanto afetiva como cognitiva. Dessa maneira, ela se apropria das coisas vivenciadas. Ela as internaliza, torna-as suas. E que experimentando a linguagem do fazer-de-conta, a criança vai dominando o mundo e compreendendo como ele é; aprende a dominar regras, trabalhar suas emoções e seus medos.

Nesta casa moramos por sete anos, aí meu pai resolveu vendê-la, pois queria voltar para Minas Gerais, lembro que minha mãe rezava pedindo que tirasse esta idéia da cabeça dele. Um belo dia ele levantou e disse que não iríamos mais embora, penso que foram as orações de minha mãe; alugaram uma casa três quarteirões a baixo de onde morávamos, chorei muito com essa mudança, pois gostava muito de morar naquela casa.

A casa que meu pai alugou era de uma professora, ela deixou muitos livros para nós lermos, penso que aí se formou lá no fundo a vontade de um dia ser como ela; professora; lembro que nos quartos desta casa tinha armário embutido, com portas de correr, grandes e lisas, eu brincava de escolinha e a lousa era as portas do armário, onde escrevia com giz que pedia para minha mãe comprar.

Mas na minha visão de uma criança de nove anos, professora tinha que estar bem vestida, de salto alto, sendo assim, mexia nas roupas de minha irmã mais velha vestia seus vestidos, calçava uma sandália prata de salto alto e tiras finas, pronto, agora podia ser a professora, espalhava livros pela cama como se fossem alunos e começava a dar aula, ali passava o dia brincando.

Hoje vejo minha filha fazer a mesma coisa, os mesmos rituais de transformações para ser professora e percebo a importância do professor na vida de um indivíduo, em como somos importantes para a formação de valores e caráter.

Na minha infância pude brincar na rua de esconde-esconde, pega-pega, queimada, na casa que morava tinha um quintal enorme lá minhas irmãs e eu brincávamos de casinha fazíamos até comida de “verdade” no fogão a lenha que construímos. Brincávamos a noite de padaria, fazíamos bolo e pão de barro, decorava-os

com flores e papel recortados quando não pegávamos as toalhinhas de crochê da minha mãe e colocávamos embaixo do bolo, as prateleiras da padaria eram de tábuas, minha mãe fazia toalhinhas com papel onde enfeitávamos as prateleiras.

Para Vigotski, ao reproduzir o comportamento social do adulto em seus jogos, a criança está combinando situações reais com elementos de sua ação fantasiosa. Esta fantasia surge da necessidade da criança, em reproduzir o cotidiano da vida do adulto da qual ela ainda não pode participar ativamente. Porém, essa reprodução necessita de conhecimentos prévios da realidade exterior, deste modo, quanto mais rica for a experiência humana, maior será o material disponível para as imaginações que irão se materializar em seus jogos.

## **2. Percurso Escolar**

Com cinco anos entrei para escola de educação infantil EMEI Jacina que em tupi-guarani significa Borboleta, minha primeira professora chamava-se Dolores e a segunda professora que era a da Pré Escola chamava-se Cleide, lá pude aprender muitas coisas: as brincadeiras no parque, pega-pega, esconde-esconde; de ter a liberdade de correr, pular, ser criança e viver a infância. No parque o brinquedo Jacaré era um barco que navegava bem rápido só parava para quando uma criança (passageiro) ia subir a bordo.

Umas das atividades que mais gostava era de furar o papel com agulha contornando os desenhos, ou contornando-os com linha de bordar.

Iniciei o ensino fundamental na escola Mario Patarra Fratinni, minha professora chamava-se Maria Frezarim, era uma senhora de idade já avançada, tranqüila e amorosa, lembro-me da Cartilha Caminho Suave e que quando terminávamos a última lição da cartilha recebíamos o Livro Caminho Suave, o livro continha textos curtos, simples e descontextualizados. A sala era decorada com letras do Alfabeto e cartazes que vinham com a Cartilha, as palavras escritas nestes cartazes eram correspondentes aos desenhos e as sílabas escritas em vermelho. Exemplo se tinha desenhado um braço escrevia a palavra **BRAÇO** a sílaba em vermelho seria a que estudaríamos naquele dia.

Fui alfabetizada pelo método tradicional, na qual a escrita era vista como um reflexo da linguagem oral, a escola centrava seu trabalho apenas no processo de codificação e decodificação; a alfabetização se restringia então ao ensino mecânico do código. Mas para mim esse método de alfabetização foi muito importante, pois desta forma aprendi a ler e escrever. Hoje compreendo que este método está ultrapassado, que após entrar na universidade e ler textos que falam sobre esse tema, percebi que a leitura, a escrita e a oralidade são sociais, possuem sentidos e significados; e que minhas idéias de alfabetização eram ultrapassadas, muitas vezes deixamos de valorizar os conhecimentos das crianças forçando-as a esquecer o que conhece, pois esses conhecimentos não foram adquiridos na escola, e que ela vive num mundo no qual a escrita e a leitura estão em toda parte.

Pouco me lembro das outras séries, recordo dos nomes das professoras, e que quando ia à missa as encontrava lá, até nos dias de hoje encontro com a minha professora da terceira série Dona Maria Gobbo, uma mulher tranqüila, as aulas dela eram cheias de emoção; nas aulas de Ciências criamos um sapo, ela trouxe um girino dentro de um aquário e todos os dias observávamos o seu desenvolvimento e fazíamos anotações, quando cresceu soltamos no jardim da escola, essa experiência foi muito significativa para todos da classe.

Nesta escola terminei o ensino fundamental (1ª série à 8ª série). Dando continuidade aos estudos (ensino médio), fiz matrícula para o curso técnico de Magistério na Escola Estadual Heitor Penteado, onde tive professoras dedicadas e preocupadas em que fossemos professoras responsáveis. Conversávamos sobre suas experiências de ser professora, as mudanças ocorridas no ensino, e a influência que tínhamos no desenvolvimento da criança.

Mas é trabalhando com as crianças que sabemos o sentido real da palavra “influencia”, e em como o que pensamos ou dizemos influenciará na sua conduta como adulto.

A opção pelo Magistério não foi por gostar dessa profissão, mas pelo fato de ser um dos Cursos oferecido à noite como Ensino Técnico. Comecei o primeiro ano em 1988, nesta época trabalhava como vendedora de uma loja de sapatos. No ano seguinte, casei e fui morar na cidade de Cabreúva, lá continuei os estudos, mas não me adaptei, a grade curricular era muito diferente da que havia estudado, desisti no primeiro semestre.

No mesmo ano engravidei do meu primeiro filho, onde tive muitos problemas na gravidez, não pensei mais em voltar a estudar, estava começando uma nova vida, a de ser mãe e dona de casa, em 1991 voltei para Americana, consegui emprego em uma loja de calçados infantis.

Fiquei grávida novamente, e em 1993 nasceu Andiará. Entre os cuidados com os filhos, a casa e o marido não havia espaço para pensar em voltar a estudar e concluir o curso de Magistério. Mas faltava alguma coisa, foi quando uma das minhas irmãs disse que ia voltar a estudar e fazer o Curso de Magistério, senti um friozinho na barriga e pensei porque não voltar a estudar?

Resolvi terminar o Curso de Magistério, matriculei-me novamente na escola Heitor Penteado, meu esposo me incentivou muito, ajudava nos afazeres da casa, cuidava das crianças à noite quando ia para a escola. Formei-me em 1997, neste mesmo ano prestei o concurso para Auxiliar de Desenvolvimento Infantil da prefeitura de Americana. Mas após terminar o magistério, fiquei por muitos anos sem interesse pela educação, não procurei nenhuma instituição escolar para dar aula.

Minhas preocupações com a educação tornaram-se importantes quando meu filho começou o 1ª ano do ensino fundamental, foi um ano de transição do método de ensino Tradicional para o Construtivismo – onde professores e orientadores escolares não sabiam em qual direção seguir ou quando não interpretavam erroneamente o Construtivismo – ele foi aprovado para fazer a 2ª série sem ser alfabetizado, ele não copiava nada da lição da lousa seu caderno voltava em branco ou com a metade das lições, todos os dias ia até a escola para conversar com sua professora, ela sugeriu que ele voltasse para a primeira série e disse que falaria com a diretora. No outro dia a diretora solicitou minha presença na escola para conversarmos, eu e meu esposo fomos até a escola. A diretora disse que ia voltá-lo para a primeira série, isso já era mês de

maio, aceitamos a proposta, ele voltou para a primeira série, com a promessa que retornaria a sua sala, tão logo recuperasse seu desempenho esperado pela escola.

Seu desempenho no começo melhorou, fazia as lições e tinha interesse em participar das aulas, mas sempre me perguntava porque estava na 1ª série e não na sua sala com seus amigos, não tinha resposta para suas perguntas, seu desempenho decaiu, não sabia mais como agir, a frustração de ver erros no sistema de educação, e meu filho sendo aluno problema em sala de aula, pois não correspondia ao padrão escolar criado pela instituição escola que “... cataloga-os individualmente, e dispendo-os lado a lado, de acordo com o quadro de competências esperadas” (Aquino, 1997, p. 103); quando seu problema era de alfabetização. E a escola não aceitando como fracasso do seu processo de ensino, mandou procurar ajuda de profissionais de outras áreas (psicóloga para uma avaliação) onde foi diagnosticado como uma criança normal sem problemas de ordem neurológica/psicológica, mas como criança não alfabetizada e com o emocional abalado e auto-estima baixa.

Como relata Aquino:

*... a escola, por meio de seus agentes, não se furta a lançar mão do arsenal teórico de outros campos conceituais quando sua clientela se apresenta de maneira estranha ao difuso “padrão pedagógico” contemporâneo. E aí entram em cena os peritos e seus discursos teórico – técnico, cujo efeito imediato é uma nova arbitragem de tal padrão... (Aquino, 1997, p. 94).*

Com isso, percebo em como muitas vezes nós professores por não sabermos lidar com certa situação, deixamos outros profissionais interferirem e fazerem o nosso papel, por qualquer problema, que fuja do padrão de “normalidade” que a criança tenha queremos uma explicação de outros profissionais como se não fossemos capazes de muitas vezes resolvermos com nossas experiências e conhecimentos.

Até hoje meu filho tem seqüelas de uma alfabetização não eficiente, tem dificuldades em interpretar textos e ler corretamente. E não quero que isso se repita com outras crianças.

A ênfase na decodificação da palavra independente de seu significado cria uma pseudolinguagem para falar da escrita, produzindo uma ruptura tanto no desenvolvimento da linguagem oral do aluno como no da relação entre linguagem oral e escrita. Esse fenômeno da suspensão do saber anterior da criança e da desconsideração, pelo professor, desse saber para a construção de outros saberes é apontado por lemos (1984) como fator determinante do insucesso da escola na alfabetização dos alunos. (Terzi, 2001, p. 15).

### **3. A Faculdade de Pedagogia - PROESF**

Estando há seis meses trabalhando na Prefeitura de Americana tive a oportunidade de prestar o vestibular da Unicamp para o Proesf, e fazer parte desta Universidade tão bem conceituada.

Estas oportunidades são janelas que se abrem diariamente à nossa frente, então, precisamos estar atentos e munidos com as nossas competências e nossos saberes para poder aproveitar melhor as oportunidades que surgem. Mergulhar neste horizonte infinito de possibilidades que o curso nos oferece.

Possibilidades de interagir com o outro, trocar experiências com as amigas, conhecer as Assistentes Pedagógicas (Aps), pessoas tão dedicadas e especiais que nos levou a cada dia refletirmos e avaliarmos nossas condutas e práticas em sala de aula.

Os Professores Orientadores nos passando os seus conhecimentos para crescermos como profissionais tudo isso me leva a crer que aprendi muito nesses três anos de Proesf e que sentirei saudades disso tudo.

E, como aluna do Proesf, compreendo que além da formação teórico - prática do curso de pedagogia, a formação humana, estabelecendo relações cooperativas frente aos problemas e desafios, são uma visão política necessária para a prática educativa e social.

Mas a partir do momento que convertemos estas práticas para nossa vida pessoal, as coisas ganham outro sentido e significado. Foi a partir deste exercício, que pude compreender melhor o processo, suas influências e a importância da reflexão nas minhas práticas adotadas em sala de aula. Atuar de forma "ética" e "responsável" são posturas que muito podem agregar valor, e alavancar o crescimento de todos.

Mediante uma análise reflexiva de experiência como aluna, foi possível extrair pontos positivos durante toda a minha formação e perceber que "... na formação permanente dos professores, o momento, fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática". (Freire, 1996, p. 39).

Com os estudos da História da Educação e Planejamento e Gestão Escolar pude compreender que a conduta docente é o reflexo do processo educativo, entendido apenas como transmissão de conteúdos didáticos, planejados de forma fragmentada e tecnicista, preocupados apenas com quantidade. Técnica esta, onde os alunos eram obrigados a reproduzir estes conteúdos de forma indiferente, sem valor e sem significados; são posturas que embora criticadas e abominadas são praticadas por vários professores.

Tenho aversão a tudo o que é imposto, procuro situar-me de forma crítica e autônoma, diferente das minhas atitudes nas séries iniciais (ensino fundamental) onde omitia opiniões, ações e argumentações. Fazendo esta leitura crítica consigo reverter alguns processos ainda latentes que precisam ser melhorados continuamente e é essa "... consciência crítica que possibilita ao homem constituir-se como sujeito da história – a sua e a da humanidade – ativo e transformador da realidade". (Leite, 2001, p. 27).

Hoje, com olhar mais crítico sobre estas práticas, noto a importância de atitudes como: o respeito pelo aluno como pessoa, a valorização da produção e do

conhecimento, a participação efetiva do aluno com relação às formas de avaliação, a orientação constante aos trabalhos desenvolvidos, a utilização de técnicas de ensino que promovam a socialização do conhecimento e a concepção de avaliação como processo de reflexão e crescimento, tanto por parte do aluno, como também do professor.

Tais reflexões devem possibilitar aos educadores uma revisão de suas práticas, de forma que a alfabetização não seja vista como um fim em si mesma, mas como uma importante condição /contribuição para a formação do cidadão crítico e transformador. (Leite, 2001, p. 28).

Estas são práticas positivas que contribuem para fortalecer o papel do educador como facilitador do processo de ensino-aprendizagem, auxiliando, amparando, e dando suporte para que o aluno tenha autonomia, criticidade e independência intelectual. Entende-se que o professor anda de mãos dadas com seus alunos e a pedagogia de Paulo Freire merece destaque, uma proposta onde o ensino é voltado para aquilo que tem significado para o aluno de forma democrática e participativa.

Outro ponto importante nesta tendência é o elemento motivador, respeito ao aluno, ao seu mundo e um compromisso com a sua aprendizagem, garantindo resultado satisfatório que enriquece e fortalece a interação entre professor e aluno, sendo em atividades avaliativas ou não.

Nas aulas de Avaliação ministrada pela AP Roseli, mostraram-me que a avaliação também deve ser enfocada como prioridade, pois é carregada de burocracia e autoritarismo.

Somente gostaria de destacar que a avaliação deve ser um processo contínuo de interação entre professor e aluno e não simplesmente um fim, um marco de referência entre um conteúdo e outro.

Noto que as tendências mais autônomas dentro do contexto acadêmico são realidade, os professores utilizaram outros recursos como ferramentas auxiliares de avaliação. Acredito que são mais democráticas e contemplam de forma mais abrangente o conhecimento adquirido, tornando mais significativo e enriquecedor, como os seminários e as aulas práticas em laboratórios de informática, utilizando os meios tecnológicos como suporte avaliativo dos processos em desenvolvimento.

Como futura pedagoga, acredito que as práticas escolares com as quais convivi serão minhas armas contra as posturas tradicionais que engessam e aniquilam habilidades e competências.

Acredito que as práticas pedagógicas não devem ser vistas como tarefas individuais de um profissional e sim configurar-se em um trabalho coletivo, realizado por toda a equipe pedagógica, em conjunto com os alunos e comunidade envolvida, direta ou indiretamente.

#### **4. Minha vida profissional como professora**

Meu destino era realmente a educação. Numa manhã o telefone tocou, meu marido atendeu, me chamou dizendo que era da escola e uma pessoa chamada Cecília queria falar comigo, quando atendi perguntou se poderia substituir naquele dia uma professora que trabalhava na parte da tarde, estranhei, pois nunca tinha dado meu nome ou telefone para ser substituta.

Aceitei este desafio, o sentimento aflorado, naquele momento era uma mistura de medo e entusiasmo. No horário marcado estava lá na EMEF Florestan Fernandes, me apresentei para a Coordenadora Pedagógica que me indagou se tinha planejamento, disse que era minha primeira vez que substituíria (no meu íntimo pensei que fazia muito tempo que não entrava numa sala de aula, só nos estágios que fiz quando estudava)

demonstrei segurança, pois não queria perder essa chance. Meu maior medo era como agir diante dos alunos, eles eram, o que naquele momento mais importavam, não queria falhar com eles. A substituição era na sala de alunos da 2ª série, foi uma experiência muito gratificante;

Após esse dia, substituí em todas as séries, como substituta ia um dia em cada sala. Com o entre e sai de sala pouco se conhece dos alunos, o tempo que mais fiquei em uma sala foram cinco dias, nesta sala tinham dois alunos que brigavam muito e tinham uma certa relutância em fazer as lições, conversando com umas das professoras soube que um deles não tinha mãe, seu pai havia casado novamente e ele não aceitava a madrasta, isso afetava todo o seu comportamento; o outro a mãe tinha morrido e seu pai estava preso. Quando soube deste fato tentei vê-los com outros olhos, pois é muito difícil não ter uma família estruturada para se amparar nas dificuldades, principalmente para as crianças, que precisam de atenção e carinho.

#### **4.1 Educação Infantil - A creche**

Fui chamada em 2002 para trabalhar na Prefeitura como Auxiliar do Desenvolvimento Infantil, (concurso de quatro anos atrás). Era em creche com crianças de 0 ano a 3 anos e 6 meses.

Quando comecei a trabalhar na creche não tinha experiência com crianças desta faixa etária. Meus conhecimentos do trabalho desenvolvido na Educação infantil provinham de teorias estudadas no Magistério e das observações nos estágios das EMEIs, para mim seria uma experiência nova.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Seção II, Art. 29.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Segundo o (RCNEI) Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (2002, p.63) a prática da educação infantil deve se organizar de modo que as crianças desenvolvam as seguintes capacidades:

- Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites;
- Estabelecer vínculos afetivos, fortalecendo sua auto-estima;
- Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais;
- Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade;
- Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- Utilizar diferentes linguagens ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação;
- Conhecer algumas manifestações culturais.

Portanto fica evidente a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança. Ela atualmente não é mais entendida apenas como uma boa política assistencialista, pois cresce no mundo inteiro a importância da educação para as crianças de 0 ano a 3 anos, em estabelecimentos específicos com orientações e práticas pedagógicas e apoiadas em fortes argumentos consistentes advindos das ciências que investigam o processo de desenvolvimento da criança.

O reconhecimento da função educativa da creche, porém, convive com uma prática atrelada à assistência, que tem prevalecido historicamente, e com um desconhecimento das características e especificidades das crianças de 0, de 1, de 2 e de 3 anos, dadas as diferenças encontradas no processo de desenvolvimento em cada um desses segmentos. (Maistro, 1997, pg 59).

Assim sendo, o trabalho desempenhado pelos educadores na educação infantil é fundamental no processo de aquisição da leitura e escrita.

A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências lingüísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever. (RCNEI, 2002, p.117).

Quando cheguei na Casa da Criança Taraguá, fiquei encantada com as crianças e o processo de administração, pois era muito preconceituosa sobre creches. Na minha concepção era lugar de crianças carentes e necessitadas, e que precisavam de cuidados enquanto suas mães trabalhavam. Mas com o passar dos dias, e observações, notei que minha visão era errada e ultrapassa. Nesta creche fiquei como apoio das educadoras, trabalhei auxiliando em todos os grupos, mas auxiliava mais nos grupos Berçário II

(1ano a 1ano e seis meses) e Berçário I (4 meses a 1 ano), pois as crianças eram menores e precisavam de atenção redobrada.

As educadoras eram muito tradicionais, e tinham a disciplina e a ordem como lema. As crianças pareciam robôs condicionados com a rotina e a disciplina rígida. Tudo era programado no horário correto, todas as crianças faziam as coisas ao mesmo tempo sem autonomia de reagir a sua maneira.

“O exercício do poder adulto sobre a criança é mediatizado pela educação formal e informal, que além de manter a relação de dependência da criança, tende a prolongá-la cada vez mais”. (Rosemberg,apud Walter, 1984, pg 35).

Mas no tempo que passei nesta unidade escolar pude analisar e conhecer melhor a educação infantil, pois no magistério há uma diferença muito significativa com a realidade de estar ali naquele momento com as crianças, e os estágios pouco contribuíram para a aprendizagem, pois as professoras das salas não gostavam que participasse ou ajudasse, ficando apenas na observação das aulas.

Após o termino do ano de 2002, fui transferida para a Casa da Criança Bitu, onde funciona EMEI e Creche. Nesta Creche pude escolher um grupo: seria a educadora do grupo Berçário II.

No começo tive muita dificuldade, as crianças choravam muito, mordiam e eu não sabia como agir nesta hora. Quando uma criança mordida a outra, o pai da criança mordida não gostava, e era muito difícil para mim que estava começando a trabalhar na creche, dizer que o filho tinha sido mordido. Eu mesma, na minha inexperiência, não entendia o porque das mordidas. Foi quando Raquel que tinha mais experiência disse que era normal, pois os bebês tinham contato com o mundo pela boca. E que quando colocava um objeto na boca ele estava experimentando este objeto. Está aumentando seu conhecimento sobre as coisas que o rodeiam.

A coordenadora sugeriu que fizéssemos uma reunião com os pais, e utilizasse algum texto que explicasse sobre essa fase da criança. Usamos o texto de Ana Maria Mello e Telma Vitória (2002, p. 165 a 168) que diz:

A boca é um dos meios mais importantes para o bebê entrar em contato com o mundo. Além de usa-la para conhecer as coisas, o bebê também a utiliza para outras formas de contato. Aceitar ou rejeitar alimentos é uma das formas. Chorar também. Quando surgem os dentes, começam as mordidas. Vindo da boca, não pode ser diferente: a mordida é uma maneira de conhecer o mundo. E é também uma forma de comunicação com ele.

Mordendo um objeto, a criança pode perceber muitas coisas. A diferença entre duro e mole, por exemplo. Também pode perceber a novidade que é o susto, o

choro ou espanto da criança mordida. Descobrir que a outra reage à mordida é uma grande aventura! Morder pode ser fascinante. Tão fascinante que a criança pode querer repetir.

Nesta reunião os pais compreenderam que aquela era uma fase do desenvolvimento da criança, e que praticamente toda criança, entre um e três anos, em algum momento usaram ou usarão de tal conduta, não sendo um descuido ou negligência de nossa parte. E que as crianças parariam de morder com o desenvolvimento da linguagem.

No ano de 2004, trabalhei com crianças de sala mista: crianças de 3 a 4 anos. Com elas pude por em prática muitas das teorias que aprendi na faculdade, principalmente nas aulas de Arte da AP Marilise. Eu e as crianças fizemos massagem nos nossos pés, com lencinhos umedecidos e óleo perfumado, e massagem com bolinha: uma criança deitava no colchão de bruços enquanto outra deslizava bolinha de madeira pelo seu corpo. Mesmo com as adaptações e limitações da idade, pude desenvolver essas atividades com resultados satisfatórios, e a participação de todas as crianças do grupo.

Em 2005 o grupo era do Berçário III, mas por motivo de doença (queda no pátio da escola onde machuquei o joelho esquerdo) precisei me afastar por cinco meses senti muita falta de estar com eles, vendo e sendo a preceptora do seu desenvolvimento.

Retornei este ano com o mesmo nível: Berçário III, e pretendo desenvolver um projeto de leitura tendo como exemplo o modelo feito na Itália em Bolonha, lógico que dentro da realidade da Educação Infantil Brasileira, talvez seja pretensão ou sonho, mas é um sonho que gostaria de poder realizar, se não este ano, no futuro.

## **5. Leitura na educação Infantil**

Uma arte que dá medo  
é a de ler um olhar.  
Pois os olhos têm segredos  
difíceis de decifrar.  
(Azevedo, Apud Fortunato, 2004, pg 09).

Em meio a tantas recordações da infância, lembrei-me com saudade do tempo em que minha mãe contava-me histórias fabulosas que me levavam a lugares incríveis, enquanto eu pensava no dia em eu mesma pudesse ler aqueles contos. Esse dia não

demorou muito a chegar, pois tempos depois entrei na escola e lá aprendi as primeiras sílabas que formavam as primeiras palavras, estas em pouco tempo eram frases que logo se transformaram em A Branca de Neve, e outros contos que ouvi de minha mãe e agora eu podia ler e viajar pelos lugares já conhecidos.

Tinha tanto prazer em ler, que me envolvia completamente, ficando horas e horas no Sítio do Pica-Pau Amarelo com a Dona Benta e o Monteiro Lobato, enfim tudo que eu via, lia.

O tempo passou e na adolescência conheci uma professora que despertou ainda mais minha paixão pela leitura e pela escrita, pois ela dizia-me sempre: quem lê conhece lugares, culturas diferentes e tem oportunidade de conviver com personagens que apesar de fictícios, muitas vezes apresentam um pouco de nossa vida e isso nos traz um imenso prazer, uma vontade de ler cada vez mais, de torcer para que ele alcance seus objetivos e realize desejos que nós não realizamos, além de nos darem lições de vida, muitas vezes inesquecíveis

Minha mãe contava histórias e cantava música todos os dias para nós, mesmo após ter crescido ainda gosto de ouvir suas músicas e histórias, eu peço para que conte aos meus filhos.

Uma das músicas que mais gostava de ouvir e pedia sempre para minha mãe cantar era Festa no Céu e A Viagem de Balão.

### ***Festa no Céu***

*Vou contar para vocês o que aconteceu num dia de sexta –feira.*

*Ajuntou a passarinhada para fazer a pagodeira*

*Corujão casou uma filha por ser rica de dinheiro*

*Para casar com Coriango por ser filho de fazendeiro*

*Senhora Dona Coruja convidou suas amiguinhas*

*As de perto foram na casa, as de longe mandaram cartinha*

*Convidou a Pomba Rola, Dona Garça e Andorinha*

*Que viessem no jantar para tomar cerveja e vinho*

*Senhor Coriango sentou-se no topo da mesa muito alegre e satisfeita com sua rica princesa*

*Mandou chamar o Marreco com toda delicadeza que viesse no jantar para vim servir a mesa*

*Dali a pouco foi chegando a Saracura calçadinha de sapato e também de meia escura*

*Por ser uma moça apumadinha amarrou fita na cintura, que ficou tão bonitinha parecia uma figura*

*Quando foi a meia-noite chegou um bando de tucano repicando a clarineta na afinação do piano, pois o hino Nacional no salão esta declarando*

*Foi chegando o pica pau e seu boné já foi tirando*

*O Anu estava dançando descalço de pé no chão*

*Foi chamar Dona Garça, deu nele grande pranchão;*

*Anu ficou enfezado e atirou de seu nagão,, tampou tudo de fumaça que acabou com essa canção.*

*Deram parte na justiça, veio um bando de periquito todo fardadinho com carrerinhas de botão e na cintura um correião e levou todos para a cadeia debaixo de prisão.*

### ***A viagem de balão***

*Severino, Rodolfo e Maricota foram com seu pai ver o balão, no cômico tiveram medo, mas viram muitas pessoas subir no balão e ficaram com vontade de entrar também. O pai consentiu.*

*Primeiro entrou Maricota que tinha nove anos, depois Severino que tinha seis e Rodolfo o menor de todos; o balão foi subindo e a corda do balão se soltou das mãos dos homens que seguravam.*

*Veio a noite, eles viram as estrelas do céu muito perto e eles cantaram:*

*Lão, lão, nós já vamos ao balão.*

*Maricota os repreendeu para não cantarem assim, e cantaram:*

*Lá no céu brilhante mil estrelinhas, mil pintinhas douradas no manto de anil.*

*Rodolfo sentiu fome, Maricota lembrou-se que tinha uns biscoitos no bolso do casaco e deu a ele para comer, e eles adormeceram.*

*Quando Maricota acordou o dia estava amanhecendo e olhou para baixo e viu uma corda dependurada, ela puxou, o balão foi descendo, acordou os irmãos e eles viram o que estava acontecendo; o balão ia descendo cada vez mais rápido eles ficaram com medo de cair encima de uma casa ou árvore.*

*Quando foi abaixando viram uma multidão e uma cidade que não conheciam, quando o balão desceu a multidão já estava avisada e os socorreram.*

*Seu pai foi buscá-los e nunca mais andaram de balão.*

Percebo que não se faz mais isto, pais não sentam com seus filhos para contar histórias, conversar, ouvir; o tempo é curto, passa rápido, há muita coisa a fazer. Trago comigo essa concepção de família reunida, e de que na construção do caráter de um indivíduo a influência da família ainda é muito importante.

Rizzoli (2005) diz:

Acreditamos que contar história é uma característica do ser humano. Contar história é uma arte muito antiga e ela responde à necessidade humana mais profunda de manter esse relacionamento de empatia entre os indivíduos tornando possível experimentar o que o outro experimenta e, assim dar forma à própria experiência. (Rizzoli, 2005, pg. 06).

Por ter sido inserida no mundo dos contos desde pequena, gosto muito de ler e contar história, na creche uso muito da prática da leitura, ou de contar histórias, para as crianças. Apesar de que a leitura na educação infantil é um desafio, pois as crianças com idade entre 0 ano a 3 anos não sabem ler (decodificar o código).

“O fato de a criança estar inserida numa cultura letrada tem uma influência positiva significativa em seu progresso em leitura nas primeiras séries escolares. (Terzi, 2001, pg. 14)”.

E os estímulos que existem no meio em que a criança vive contribuem de forma grandiosa para o desenvolvimento da criança.

A grande parte das crianças, desde pequenas, estão em contato com a linguagem escrita por meio de seus diferentes portadores de texto, como livros, jornais, embalagens, cartazes, placas de ônibus etc., iniciando-se no conhecimento desses materiais. (RCNEI, 2002, p. 121).

A curiosidade da criança em descobrir o que significa a leitura começa muito cedo.

Nas sociedades letradas, as crianças, desde os primeiros meses, estão em permanente contato com a linguagem escrita. É por meio desse contato diversificado em seu ambiente social que as crianças descobrem o aspecto funcional da comunicação escrita, desenvolvendo interesse e curiosidade pela linguagem. Diante do ambiente de letramento em que vivem, as crianças podem fazer, a partir de dois ou três anos de idade, uma série de perguntas como “que está escrito aqui?”, “que isto quer dizer?”, indicando sua reflexão sobre a função e o significado da escrita ao perceberem que ele representa algo. (RCNEI, 2002, p. 127).

Algumas crianças não têm um ambiente favorável à leitura em casa, mas há outras que ouvem histórias lidas pela avó, pais, ou outros membros da família. Com meu grupo Berçário III, crianças com idade de 1 ano e 7 meses a 2 anos e 4 meses, leio ou conto história todos os dias .

Recordo-me que um dia lendo uma história já bem conhecida pelas crianças “Chapeuzinho Vermelho”, uma das crianças interrompeu a história e pediu para amarrar seu tênis, coloquei o livro no colo e fui amarrar seu tênis, mas para que as crianças não saíssem do lugar, ou se dispersassem continuei contando a história, Letícia me chamou e disse que ela queria a história do livro não a que contava. Para ela tinha uma diferença em ler o livro e contar a história, pois quando conto uma história é da minha maneira, embutido os meus valores e relação que tenho com essa história.

Quando contamos uma história para a criança, utilizamos uma estrutura própria da linguagem oral que pode apresentar agramatismo e incluir, junto com os componentes verbais outros elementos: os gestos, a entonação, a pausa... Quando lemos a história do livro, utilizamos estruturas gramaticalmente organizadas próprias da linguagem escritas. Embora nos dois momentos seja possível perceber as reações da criança e, portanto, corrigir, modificar, reler, explicar e complementar a leitura, cada uma delas possui estruturas próprias e ambas vão ser importantes para o desenvolvimento da linguagem: oral e escrita. (Candido, 2002.).

Quanto mais cedo a criança tiver contato com a leitura, seja ela oral ou escrita, maiores as chances de gostar de ler. A criança lê da sua maneira, mesmo sem ser alfabetizada, folheando e olhando figuras. A criança aprende observando o gesto de leitura dos outros educadores, pais, outras crianças. O aprendizado começa com a percepção da existência de coisas que servem para serem lidas e de sinais gráficos.

Na creche, classifico os livros em de “leitura” usado por mim e de “manusear” usado pelas crianças. As crianças do meu grupo são curiosas, e querem pegar, tocar ou ver bem de perto, muitas vezes até rasgam os livros por não saber folheá-lo; este contato com o livro é importante para uma interação e familiarização com a leitura e a escrita.

Soares apud Maricato (2006, pg 18) diz que “è preciso desmanchar essa idéia do livro como objeto sagrado, é sagrado sim, mas para estar nas mãos das pessoas, ser manipulado pelas crianças”.

Quando leio para eles, parece que fomos transportados para o mundo do “Era uma vez...”. E quando encenamos a história, é possível perceber os diferentes níveis de

emoções e participações, alguns acreditam no que estão ouvindo e vendo, como se fossem reais, outros, choram de medo, gritam de euforia, interferem na história com sugestões de como o (s) herói (s) pode (m) escapar do perigo. Ou, quando contamos histórias com fantoches, è como se eles não nos vissem, naquele momento somos o personagem do fantoche, mesmo nos vendo. A criança acredita que tudo ao seu redor tem vida e vivencia, por isso, a historia transforma em algo real, como se estivesse acontecendo mesmo.

Podemos contar ou ler uma história em qualquer espaço, no entanto no espaço institucionalizado Educação Infantil, seria interessante apresentarmos à criança, em sua formação leitora, uma maneira mais prazerosa de estar com a leitura, para que mais tarde consiga administrar os outros protocolos de ler.

Em minha sala, este ano, eu e minha parceira, Eunice, construímos um espaço onde as crianças podem aconchegar-se, colocamos um tapete no chão e bichos de pelúcia grandes (cachorros, urso, coelho), na parede, colocamos papéis coloridos e bichinhos de borracha, este espaço é reservado para a roda da conversa e da leitura, as crianças se identificaram com esse espaço, quando falo que vamos ler, todos sentam no tapete, e até levam minha cadeira para perto.

Em um curso de formação, a palestrante Kátia nos disse que construir um ambiente propício à leitura, na própria sala de aula, ou num espaço específico, é de fundamental importância no pensar o exercício literário com as crianças. E que as histórias para a faixa etária do Berçário III, ainda devem ser rápidas, com pouco texto de um enredo simples e vivo, poucos personagens, aproximando-se ao máximo das vivencias da criança. Devem ser contadas com muito ritmo e entonação. As crianças têm grande interesse por histórias de bichinhos, brinquedos e seres da natureza humanizados. Identificam-se, facilmente com todos eles. Prendem-se a gravuras e com poucos detalhes.

Mas não podemos privá-la de algumas narrativas, que muitas vezes são inviabilizadas pelo recorte etário. A seleção do livro implica bom senso e conhecimento do grupo de crianças, com que se está dialogando, podemos levar ao conhecimento das crianças livros mais elaborados (contos de fadas, fábula, etc.), poemas e textos mais longos, que muitas vezes não serão manuseados pelas crianças, mas farão parte de seu repertório de leitura, por intermédio do educador que será o leitor.

## **6. Origem da Literatura Infantil**

As histórias são como bálsamos medicinais. Achei as histórias interessantes desde que ouvi minha primeira. Elas têm uma força! Não exigem que se faça nada, que seja nada, que se aja de nenhum modo – basta que prestemos atenção. A cura para qualquer dano ou para resgatar algum impulso psíquico perdido está nas histórias. Elas suscitam interesse, tristeza, perguntas, anseios e compreensões que fazem aflorar o arquétipo. (Estés, apud Stefani, 1997, pg 03).

A Literatura Infantil surgiu na Europa na primeira metade do século XVIII, simultaneamente na França e Inglaterra.

O aparecimento da Literatura Infantil tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa e do novo "status" concedido à infância, que passa a ver a criança como um ser diferente do adulto e merecedora de um espaço reservado para sua educação e cuidados. Pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

“... a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros”. (Zilberman apud Site de Literatura 2002).

Philippe Ariés (1978) comenta que tudo que envolvia as crianças e a família “tornara-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro das crianças, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro da família”.

O termo infantil associado à literatura não significa que ela tenha sido feita necessariamente para crianças. Os livros infantis dirigidos à criança é invenção e intenção do adulto. Na verdade, a literatura infantil acaba sendo aquela que corresponde, de alguma forma, aos anseios do leitor e que se identifique com ele. O grande segredo é trabalhar o imaginário e a fantasia.

Existe uma Literatura Infantil? Como caracteriza-la? Evidentemente, tudo é uma Literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera como especialmente do âmbito Infantil. São as crianças, na verdade, que o delimitam, com a sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. Não haveria, pois uma Literatura Infantil a priori, mas a posteriori. O fato de a criança tomar um livro nas mãos folheá-lo, passar os olhos por algumas páginas não deve iludir ninguém. Há mil artifícios e mil ocasiões para a tentativa de captura desse difícil leitor. (Cecília Meireles, apud Lima, 2001).

A autêntica literatura infantil não deve ser feita essencialmente com intenção pedagógica, didática ou para incentivar hábito de leitura. Este tipo de texto deve ser

produzido pela criança que há em cada um de nós. E assim poder cativar esse público tão exigente e importante.

## **7. Literatura infantil no Brasil**

*(...) para as crianças, um livro é todo um mundo.(...)  
Ainda acabo fazendo livros onde as crianças possam  
morar. Não ler e jogar fora; sim, morar, como morei  
no Robinson e no Os filhos do Capitão Grant.*

*(Lobato apud Penteadó, 2001).*

A Literatura Infantil surgiu no Brasil em meados do século XIX com os anseios da classe média em buscar mais liberdades e novos caminhos, inclusive para a educação dos filhos.

O desenvolvimento das cidades, o crescimento da população urbana e o fortalecimento de uma classe social intermediária propiciam uma demanda pela escolarização e, conseqüentemente, um maior contato com os livros, por parte da população. (Candido, 2006).

Para atender as mudanças, no tocante às crianças, surgem os primeiros livros infantis, os escritores pioneiros buscaram no primeiro momento, referências em outros países e iniciaram o trabalho no Brasil com: traduções de obras estrangeiras; adaptações de obras destinadas originalmente ao público adulto; reciclagem de materiais escolares já que os leitores que formavam o crescente público leitor eram igualmente alunos e estavam habituados a utilizar o livro didático; apelar para tradição popular, confiando em que as crianças gostariam de encontrar nos livros histórias parecidas àquelas que as mães, amas-de-leite, escravas e ex-escravas contavam em voz alta, desde quando eram pequenas.

Até então, os livros a que tinham acesso os meninos e meninas brasileiros eram importados da Europa. Em traduções feitas em Portugal nossas crianças liam os clássicos, entre eles Perrault, Andersen e os irmãos Grimm... É importante frisar aqui essa função da escola, pois, é nela que a criança da época (e, na maioria das vezes, a de hoje em dia) tem seu primeiro contato com o livro, seja ele didático ou literário. Sendo assim, não é por acaso que as primeiras produções destinadas ao público infantil produzida no Brasil, se apresentam, no geral, como livros escolares. (Pina, 2006).

Sem os escritores desbravadores da Literatura Infantil Brasileira, talvez não teríamos hoje tantos contos, histórias e poesias que passam de gerações em gerações.

Os escritores pioneiros em Literatura Infantil no Brasil foram: Carl Jansen, (1829 – 1889) alemão mudou-se para o Brasil, era jornalista e professor traduziu clássicos como Robinson Crusoe, (1885) e Viagens de Gulliver (1888); Figueiredo Pimentel (1869 – 1914) brasileiro e também jornalista. Publicou coletâneas de muito sucesso como os Contos da Carochinha; Olavo Bilac (1865 – 1918) suas poesias foram muito recitadas e memorizadas por várias gerações, alguns são cheios de civismo e outros bem engraçados, Contos Pátrios (1894), Poesias infantis (1905), etc.

Foi Lobato que, fazendo a herança do passado submergir no presente, encontrou o novo caminho criador de que a Literatura Infantil brasileira estava necessitando. Seu sucesso imediato entre os pequenos leitores ocorreu de um primeiro e decisivo fator: a realidade comum e familiar à criança, em seu cotidiano, é subitamente, penetrada pelo maravilhoso, com a mais absoluta verossimilhança e naturalidade. Com o crescimento e enriquecimento do fabuloso mundo de suas personagens, o maravilhoso passa a ser o elemento integrante do real.

As crianças representadas pelos seres humanos, Pedrinho e Narizinho, e pelos bonecos Emília e Visconde, são figuras inseridas na vida brasileira, o que lhes confere autenticidade e nacionalidade... Elas integram-se aos problemas do país, reagem às dificuldades de seu e de nosso tempo, o que mais uma vez facilita a aproximação entre as personagens e o leitor. (Ziberman, 2005, pg.24).

Estava dado o início para a criação de uma série de aventuras no Sítio do Pica-Pau Amarelo. Assim é que personagens “reais” (Lúcia, Pedrinho, D. Benta, Tia Nastácia, etc.) têm o mesmo valor das personagens “inventadas” (Emília, Visconde de Sabugosa e todas as personagens que povoam o universo literário lobatiano).

A Emília é a personagem mais importante para se compreender o universo lobatiano. Ela revela-se como o protótipo-mirim do “super-homem”, com sua vontade e domínio, além de exacerba.

A vasta produção de Lobato, na área de Literatura Infantil, engloba obras originais, adaptações e traduções. Dentre os originais estão: “A Menina do Nariz Arrebitado”; “O Saci”; “Fábulas do Marquês de Rabicó”; “Aventuras do Príncipe”; “Noivado de Narizinho”; “O Pó de Pirlimpimpim”; “Reinações de Narizinho”; “As Caçadas de Pedrinho”; “Emília no País da Gramática”; “Memórias da Emília”; “O Poço do Visconde”; “O Pica-pau Amarelo” e “A Chave do Tamanho”. Nas adaptações, Lobato preocupou-se com um duplo objetivo: levar às crianças o conhecimento da tradição, o conhecimento do acervo herdado e que lhes caberá transformar; e também questionar, com elas, as verdades feitas, os valores e não-valores que o tempo cristalizou e que cabe ao presente redescobrir e renovar. Nesse sentido, merecem destaque: “D. Quixote das Crianças”; “O Minotauro” e a mitologia grega na série “Os Doze Trabalhos de Hércules”.

A década de 70 ficou conhecida como a época do "boom" da literatura infantil. Com a consolidação do mercado editorial, e a crescente dependência do livro com a escola, aumentou expressivamente o número de autores produzindo para a infância.

Surgiram escritoras marcantes como Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Marina Colasanti e Lygia Bojunga Nunes, Ruth Rocha, Roseana Murray. Autores como Ziraldo e Pedro Bloch, , dignos "filhos de Lobato", trouxeram o humor de volta ao leitor infantil e juvenil. Encontramos de tudo um pouco nos livros brasileiros para crianças e jovens. O realismo mágico, em que a fronteiras entre a realidade cotidiana e o imaginário se dilui. O maravilhoso, mostrando situações ocorrendo fora de nosso espaço-tempo.

A LDB de 72 determinou que era mais importante conhecer um livro inteiro de alguns autores, em vez de trechinhos de muitos autores. Com isso, as editoras começaram a ter que buscar autores novos. Não podia ficar só a Brasiliense editando Lobato, Lobato, Lobato... Então, as editoras começaram a procurar novos autores e esse pessoal todo, que estava esperando uma oportunidade para surgir, entrou no mercado. (Sandroni apud Doce de Letra 1997)

Mas temos por certo que essa manifestação artística não pode continuar sendo subestimada ou desprezada pela sociedade ou pela mídia. Nosso país tem inúmeros problemas, e não há um só deles que não possa ser resolvido, ou atenuado, pelo investimento na educação e na cultura de nosso povo. Ora, se falamos em educação / cultura, falamos em livros.

## **Considerações Finais**

A Literatura Infantil é importante, primeiramente por inserir a criança no mundo simbólico, onde muitas vezes ela se coloca no lugar dos personagens e com eles

vivenciam as diversas situações de sentimentos, como medo, perda, sucesso e alegria. É uma forma de viajar a outros mundos e conhece-los pelos olhos de outras pessoas, levando-a a construções mentais mais complexas e mais marcantes, cada vez que lê mais e mais livros. Também é importante por formar leitores.

Os livros permitem à criança observar não só os padrões da língua escrita, mas também as imagens e seus significados, que revelam comportamentos e atitudes, mostrando formas diferentes do homem representar o mundo e a realidade.

Portanto, quanto mais lermos para as crianças, ou oportunizarmos momentos de leitura em sala, mais estará favorecendo o seu desenvolvimento infantil, ou seja, estaremos auxiliando –as no seu crescimento cognitivo, afetivo e social.

Portanto fazendo uma breve reflexão de tudo que li sobre leitura e literatura infantil cheguei a conclusão, após essas leituras, que se resume a um poema de Ricardo de Azevedo apud Fortunato 2004.

### ***Aula de leitura***

*A leitura é muito mais  
do que decifrar palavras  
Quem quiser parar pra ver  
pode até se surpreender  
Vai ler nas folhas do chão  
se é outono ou verão;  
Nas ondas soltas do mar  
se é hora de navegar;  
E no jeito da pessoa  
se trabalha ou se é à-toa;  
Na cara do lutador  
quando está com dor;  
Vai ler na casa de alguém  
o gosto que o dono tem;  
E no pelo do cachorro  
se é melhor gritar socorro  
E na cinza da fumaça  
tamanho desgraça;*

*E no tom que sopra o vento se corre o barco ou se vai lento;  
E também no calor da fruta,  
e o cheiro da comida,  
E no ronco do motor,  
e nos dentes do cavalo,  
E na pele da pessoa,  
e no brilho do sorriso,  
Vai ler nas nuvens no céu,  
vai ler na palma da mão,  
Vai ler até nas estrelas,  
e no som do coração.  
Uma arte que dá medo  
é a de ler no olhar,  
pois os olhos têm segredos  
difíceis de decifrar.*

Se, como educadora, conseguir fazer com que as crianças com quem trabalho ler desta forma, será uma grande satisfação, e a certeza de que haverá mudanças no futuro e que contribui em partes para estas mudanças.

## **Bibliografia**

AQUINO, Julio Groppa. *Erro e Fracasso na Escola : alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

- ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro : Zahar , 1978.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* . Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº9394/96, de 20 dezembro, 1996. Seção II, art. 29.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança o brinquedo a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- CANDIDO, Amélia Fernandes. *Mais Além: a especificidade da literatura infantil como instrumento de estímulo ao desenvolvimento da linguagem*. IN Dobras de Leitura, Ano VII, nº33. Maio 2006. Acesso Maio/ 2006,
- FARIA, Ana Lucia Goulart de e MELLO, Suely Amaral (orgs.) et al. *Linguagens Infantis – Outra Formas de Leituras*. Campinas SP: Autores Associados, 2005.
- FARIA, Ana Lucia Goulart de e PALHARES, Marina Silveira (orgs.). *Educação Infantil Pós – LDB : rumos e desafios*. Campinas, SP : Autores Associados, 5ª edição , 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FORTUNATO, Márcia. *Oficina: Literatura Infantil no Cotidiano Escolar*, São Paulo, 2004.
- GUEDES-PINTO, Ana Lucia. *Memorial de Formação – Registro de um Percurso*. 2004. (Obs: Texto elaborado para os professores orientadores do Memorial).

- LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org.), MOLINA, Alexandra da Silva et al. *Alfabetização e Letramento : Contribuição para as Práticas Pedagógicas*. Campinas SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.
- MAISTRO, Maria Aparecida. *As Relações Creche – Famílias: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal De Santa Catarina. 1997. [www.ced.ufsc.Br/~nee0a6](http://www.ced.ufsc.Br/~nee0a6). Acesso Maio 2006.
- MARICATO, Adriana. *O Prazer da Leitura se Ensina*. In *Revista Criança: do professor de educação infantil*. Brasília DF: Ministério da Educação, Setembro/ 2005.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas de Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. In LIMA, Ariane Gomes de. *Biografias de escritores citados em “problemas da literatura infantil”*, livro de Cecília Meireles, 2002. [www.nucleodeleitura.com.br](http://www.nucleodeleitura.com.br). Acesso em Fev/2006.
- PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. *Literatura Infantil, História e Educação: um Estudo da Obra Cazuza, de Viriato Corrêa*. Dissertação de Mestrado. Campinas, FÉ/Unicamp, 2001.
- PINA, Sandra. *Aparelhos Ideológicos de Estado em Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. In *Dobras de Leitura*. Ano VII, N°33 Maio 2006. [www.dobrasdeleitura.com](http://www.dobrasdeleitura.com) . Acesso em Maio 2006.
- ROSSETI-FERREIRA, Maria Clotilde (org), MELLO, Ana Maria, VITÓRIA, Telma et al. *Os Fazeres na Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SANDRONI, Laura. *A Revolução Silenciosa de Laura Sandroni*. In *Doce de Letra*, Ano II, n.7, abril de 1997. Acesso em Maio 2006.
- SOARES, Magda. *Metamemória – memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 1990. In GUEDES-PINTO, Ana Lucia. *Memorial de Formação – Registro de um Percurso*. 2004.

STEFANI, Rosaly. *Leitura: que espaço é esse?* São Paulo: Paulus, 3ª edição, 1997.

TERZI, Sylvia Bueno. *A Construção da Leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados.* Campinas SP: Pontes, 2ª edição, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semenovch. *O Desenvolvimento Psicológico na Infância.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola.* São Paulo: Global Ed., 4ª ed., 1985. In [www.Sitedeleitura.com.br](http://www.Sitedeleitura.com.br). Acesso em Maio 2006.

ZILBERMAN, Regina. *Como e Porque Ler: A Literatura Infantil Brasileira.* São Paulo: Objetiva 1ª Edição, 2005.